Interpretação Textual: uma proposta de ensino, considerando o sujeito dividido

Magda Regina Lourenço Cyrre (UFRGS)

Resumo*

Este trabalho propõe um estudo semântico filiado à Análise do Discurso, e tem como pressupostos teóricos e metodológicos as obras: *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* de Michel Pêcheux (1988), *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* de Eni Puccinelli Orlandi (1998) e *Semântica do Acontecimento* de Eduardo Guimarães (2005). Busca-se com este estudo investigar como a Teoria Semântica de Michel Pêcheux sobre o sujeito dividido pode ser usada para o ensino, interpretação de textos. O objeto de estudo deste trabalho é um pequeno recorte de acontecimentos de linguagem pertencentes à Língua Portuguesa, publicados em jornal de circulação no Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre. Os objetivos específicos são: a) investigar como o sentido se faz através da subjetividade desdobrada, dividida apresentada nos jornais diários. b) verificar como os acontecimentos de linguagem em análise constituem sentido e podem ser trabalhados em sala de aula. O presente estudo se justifica por propor uma análise em sala de aula que verifica como o texto organiza em sua discursividade a sua própria materialidade histórica.

Palavras-chave: Interpretação. Sujeito-dividido. Ensino.

Introdução

Este trabalho investiga de forma breve, dado a sua pequena proporção, a linguagem sob o prisma de seu acontecimento. Em vista disso, situamos este estudo dentro da Semântica Discursiva e para sua fundamentação teórica e metodológica, buscamos apoio na Teoria Semântica de Michel Pêcheux e nos estudos de Eni Puccinelli Orlandi e de Eduardo Guimarães.

---

* O trabalho *Interpretação textual: uma proposta de ensino, considerando o sujeito dividido* foi elaborado pela Profª Ms. Magda Regina Lourenço Cyrre como requisito para aprovação na disciplina de *Sentido e Referência do PPG-Letras UFRGS*, ministrada pela Profª Drª Ana Zandwais.

A partir de conceitos gerais, extraídos das obras: *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1988) de Michel Pêcheux, *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* (1998) de Eni Puccinelli Orlandi e *Semântica do Acontecimento* (2005) de Eduardo Guimarães, chegamos a conclusões aplicáveis à singularidade de cada um dos acontecimentos enunciativos estudados.

De acordo com o ponto de vista teórico adotado, o sentido de cada expressão lingüística usada em cada enunciado não é referencial, ou seja, não pode se apresentar a partir do conceito de verdade. As expressões lingüísticas significam pela relação que tem com o acontecimento em que funcionam, tomando a linguagem em sua materialidade discursiva, marcada por uma dimensão histórica é que institui trajetos de sentido. O objeto de estudo deste trabalho é um pequeno recorte de acontecimentos de linguagem pertencentes à Língua Portuguesa, publicados em jornal de circulação no Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre.

Os objetivos deste trabalho são: a) investigar como o sentido se faz através da subjetividade desdobrada, dividida apresentada em ocorrências de jornais diários. b) verificar como se dá esse acontecimento de linguagem e como ele constitui sentido. Ou seja, o objetivo maior, deste trabalho é fazer um breve estudo semântico sobre o sentido, buscando achar resposta(s) para uma questão levantada por Michel Pêcheux [1] (1988)" como o não-dito precede e domina a asserção?". Partindo desses questionamentos, consideraremos neste estudo que a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação de linguagem. Não há sentido sem interpretação, porém o(s) sentido(s) não são evidentes, embora pareçam ser e por isso mesmo são passíveis de equívocos.

Por se tratar de um estudo semântico, filiado à Análise do Discurso, consideramos que apesar dos muitos trabalhos que já foram feitos a respeito do sentido, presente em cada acontecimento de linguagem, é sempre possível acrescentar um novo olhar sobre a enunciação ou realizar uma interface ainda não abordada. Não temos a pretensão de

---

[1] PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.*Trad. de Eni Puccinelli Orlandi....et al.;Editora da UNICAMP: Campinas: 1988. p. 291

apresentar algo inovador, mas acreditamos que o olhar dedicado ao estudo do sentido em relação ao *sujeito dividido* neste trabalho seja pertinente.

1. Pressupostos Teóricos e Metodológicos

Antes de analisar os sentidos presentes nos acontecimentos de linguagem selecionados, passamos a apresentar sinteticamente aspectos teóricos da Teoria de Michel Pêcheux (1988) presentes em sua obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* que, em nosso entendimento, são capazes de responder às indagações anteriores e, portanto, possam constituir um método de análise.

Pêcheux (1988), na III parte de sua obra, *Discurso e Ideologia*, no capítulo 3, *A forma-sujeito do discurso*, deixa claro que [2]o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe em si mesmo, pois é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. Ou seja, elas adquirem seu sentido em referência às *formações ideológicas (FI)* nas quais essas posições se inscrevem. O mesmo autor conceitua *formações discursivas* (FD) como aquilo que numa formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito.

Numa sociedade há relações de classe que implicam certas posições políticas e ideológicas que, por sua vez, incluem formações discursivas interatuantes, e que determinam o que pode e o que deve ser dito, considerando certas posições na conjuntura social. É através dessas FD (não estabelecidas de uma vez por todas) que se pode reconhecer, nos textos, o cruzamento de vários discursos e, ao mesmo tempo, a dominância de um discurso. É no espaço das FD, atravessadas pela dimensão ideológica, que se reconhece a manifestação de gêneros específicos. É também com relação a esses espaços de discurso que se processa o que se chama a subjetividade desdobrada, dividida.

---

[2] PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.*Trad. de Eni Puccinelli Orlandi....et al.;Editora da UNICAMP: Campinas,1988, p.160.

A introdução do conceito de formação discursiva, coloca em cheque a noção de máquina estrutural fechada, “na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar” (Pêcheux 1997a, p.314).

As FD’s estão posicionadas em complexos de FD’s relacionadas, referidas como ‘interdiscurso’ e os significados específicos de uma FD são determinados pelo exterior em sua relação com o interdiscurso. Ou seja, de acordo com Eni P. Orlandi (1998), para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido. Essa impressão de significar deriva do interdiscurso – o domínio da memória discursiva, aquele que sustenta o dizer na estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas, e que vão construindo uma história dos sentidos. Toda enunciação resulta assim de um efeito de sustentação no já dito.

Ao buscarmos o sentido de um acontecimento enunciativo estaremos trabalhando com a historicidade do texto. Historicidade compreendida como constitutiva do próprio texto: o texto organiza em sua discursividade a sua própria materialidade histórica.

Segundo Eduardo Guimarães (2005), a enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, se faz pelo funcionamento da língua. E integram a conceituação desse acontecimento de linguagem a *língua* e o *sujeito* que faz funcionar a língua ao enunciar algo, a sua *temporalidade* e a *materialidade histórica do real.* Para Guimarães, a configuração do sujeito da enunciação, chamado de Locutor no acontecimento, é a de que ele é a origem do dizer e assim da temporalidade. Produz-se assim uma disparidade temporal entre o tempo do acontecimento e a representação da temporalidade pelo locutor.

> “ Esta disparidade significa diretamente a inacessibilidade do locutor àquilo que enuncia. O locutor não está onde a enunciação significa sua unidade (tempo do Locutor). Assim, o Locutor está dividido no acontecimento . E está dividido, porque falar, enunciar, pelo funcionamento da língua no acontecimento, é falar enquanto sujeito.” (2005,p.14)

O sujeito que enuncia é sujeito porque fala de uma região do interdiscurso, entendendo este como uma memória de sentidos. Ser sujeito de seu dizer, ser sujeito, é falar de uma posição de sujeito. Portanto, o sujeito não fala no presente, no tempo, embora o

locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nesta memória, portanto não é estar no tempo.

Utilizaremos como método de análise dos acontecimentos de linguagem selecionados a interpretação, conforme entende Orlandi (1998, p.99) : "A interpretação embora se ligue à questão do conhecimento/reconhecimento, recusa a transparência da linguagem e faz intervir não a vontade do saber (da verdade) no analista, mas o inconsciente e a ideologia na consideração do sujeito." Portanto a interpretação – enquanto dispositivo do analista e gesto do sujeito que diz – nos oferece um lugar extremamente expressivo de conservação dos processos de produção dos sentidos e de constituição dos sujeitos. Além disso, permite-nos verificar qual o lugar da enunciação e a posição que o sujeito ocupa. Portanto, na análise do sujeito dividido verificaremos a distribuição de lugares constituídos pelo acontecimento e por sua própria temporalização.

2. Acontecimentos de Linguagem

Os critérios utilizados para selecionarmos os acontecimentos de linguagem que apresentamos a seguir e não outros foram os seguintes: Primeiramente, buscamos como objeto para análise acontecimentos de linguagem que pertencessem à Língua Portuguesa e em segundo lugar, que manifestassem uma cena enunciativa específica. Entendendo a cena enunciativa como o espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição de lugares de enunciação no acontecimento de linguagem. Ou seja, buscamos dentro dos acontecimentos de linguagem publicados nos jornais de circulação em 4 de julho de 2007, em Porto Alegre, ocorrências de cenas enunciativas que possuíssem as seguintes características: ter ao mesmo tempo um **Locutor** que se representa no seu dizer como fonte desse dizer e um **locutor-x ,** que represente o lugar social do locutor e que fosse facilmente reconhecido pelos leitores de jornal. Em vista disso, selecionamos para compor o objeto de estudo as seguintes ocorrências:

“Se não tem, não adianta, que dinheiro não cai da árvore.” (Yeda Crusius (3/7/07) Programa Conversa com a Governadora, da Rádio do Palácio Piratini)

1. “A Governadora criticou pedido de recursos do legislativo alegando que dinheiro ‘não cai da árvore’.” (Zero Hora > Quarta / 4/ julho/2007 p.8)
2. “Yeda ironiza pedido da Assembléia e diz que dinheiro não nasce em árvore.” (O Sul- Porto Alegre, quarta-feira,4 de julho de 2007)
3. “Se a governadora conhecesse a fundo os projetos de arranjo florestal e sua implantação no Rio Grande do Sul, perceberia que, aqui, o dinheiro pode sim, ‘dar em árvores’.” (O Sul – Flávio Pereira – Porto Alegre, quarta-feira,4 de julho de 2007)

3. Análise

Apresentamos logo abaixo como se dá o sujeito dividido nos acontecimentos selecionados.

“Se não tem, não adianta, que dinheiro não cai da árvore.”

(Yeda Crusius (3/7/07) Programa Conversa com a Governadora,da Rádio do Palácio Piratini)

	Cena Enunciativa
L	Yeda Crusius
L-x	Yeda Governadora do Estado do Rio Grande do Sul

O Locutor, simula ser a origem do que aqui se diz. Mas o que aí se diz é dito não de um lugar individual, independente de qualquer contexto, mas é dito do lugar de um acordo sobre o sentido de representar o enunciado de consenso popular que “dinheiro não nasce em árvore”. O que se diz é dito como aquilo que todos dizem. O enunciador se mostra como um indivíduo que escolhe falar tal como os outros indivíduos, uma outra forma de se apresentar como independente da história e de seu lugar de governadora. Podemos dizer que o locutor está aqui dividido por ser a um tempo o Locutor-Governadora e o enunciador genérico.

Em nossa sociedade há relações de classe que implicam certas posições políticas e ideológicas que, por sua vez, incluem formações discursivas interatuantes, e que determinam o que pode e o que deve ser dito, considerando certas posições na conjuntura social. É no espaço das FD, atravessadas pela dimensão ideológica, que se reconhece a manifestação de gêneros específicos. É também com relação a esses espaços de discurso que se processa o que se chama a subjetividade desdobrada, dividida.

O sentido da enunciação da Governadora Yeda é produzido por esta divisão, por esta disparidade do Locutor-x a si. Esta divisão se faz em um acontecimento cuja temporalidade recorta uma memória de dizeres populares. Uma enunciação como essa, ao produzir esta nova divisão do locutor, produz novos sentidos pelo próprio lugar social que ocupa a governadora do Estado do Rio Grande do Sul. Apesar do conhecimento popular da verdade de que dinheiro não nasce em árvore, os jornais apresentaram as seguintes interpretações para a enunciação da governadora: " [3]*A Governadora criticou pedido de recursos do legislativo alegando que dinheiro 'não cai da árvore'" ou ainda* que " [4]*Yeda ironizou pedido da Assembléia e disse que dinheiro não nasce em árvore*." A partir de um dizer que não é só seu, mas é de todos, o locutor-Governadora toma o enunciador-genérico como argumento para si. A sua voz é como a voz de todos, por isso ela fala com razão. E este enunciador genérico produz aí o efeito de que ela não fala como governadora, mas como o povo do Rio Grande.

Essa distribuição de lugares se constitui pelo acontecimento e por sua própria temporalização. Ou seja, no caso de "dinheiro não cai de árvore" a temporalidade do acontecimento enunciativo é o presente que ele (acontecimento) constitui e é uma memória, um passado de dizeres, que não autoriza a locutora-governadora a dizer o que disse como se fosse uma pessoa do povo, por isso o jornal *Zero Hora* considerar uma crítica a sua fala e o jornal *O Sul* considerar uma ironia e ao mesmo tempo projeta esse acontecimento de linguagem projeta um futuro de sentidos e reações. Então, em vista de todo acontecimento de linguagem significar porque projeta em si mesmo um futuro é que podemos aceitar o sentido de que se não há verba nem de onde extrair essa verba, não tem como o Governo do Estado fazer surgir um orçamento que não existe. E se também projeta um futuro de

---

[3] *Zero Hora* > Quarta / 4/ julho/2007 p.8

[4] *O Sul* - Porto Alegre, quarta-feira,4 de julho de 2007

sentidos e reações, podemos facilmente evidenciar isso pela enunciação de Flávio Pereira no dia subseqüente à fala da governadora quando publica : “No [5]Estado, árvores produzem dinheiro sim ”.O locutor-jornalista enuncia que “se a governadora conhecesse a fundo os projetos de arranjo florestal e sua implantação no Rio Grande do Sul, perceberia que aqui o dinheiro pode, sim, dar em árvores”. A partir da cena enunciativa inicial, houve outra ocorrência de linguagem projetada a partir de um futuro de projeções de sentido.

Considerações Finais

Acreditamos que apesar do número limitado de ocorrências de linguagem estudadas, as conclusões alcançadas foram importantes e serviram para nos fazer pensar sobre como o sentido se realiza e se forma no funcionamento da cena enunciativa.

Percebemos ao realizar a análise que é possível, sim, ensinar ao aluno de ensino médio essa possibilidade de interpretar os acontecimentos de linguagem publicados em jornal. Verificamos que ao analisar o funcionamento do acontecimento enunciativo dito pelo Locutor-Yeda: “Dinheiro não dá em árvore, atribuindo essa ocorrência de linguagem ao locutor-governadora do Rio Grande do Sul, que esse acontecimento instala sua própria temporalidade no espaço enunciativo ocupado pela governadora. Em vista disso, projeta sentidos futuros, sentidos capazes de movimentar inclusive outras enunciações. Isso é facilmente evidenciado na ocorrência do Locutor- Flávio Pereira que demonstra por meio do enunciador locutor-jornalista que não concorda com a governadora e pode escrever que “foi no mínimo infeliz a declaração da governadora Yeda Crusius, ontem – ‘dinheiro não dá em árvore’- ao alfinetar a Assembléia Legislativa, onde situa sua forte base aliada, reagindo ao fato de estar aparentemente desinformada”.

Sendo assim, as ocorrências de linguagem estudadas permitem constatar que o sujeito apresenta-se dividido, pois uma única cena enunciativa é portadora ao mesmo tempo de dois sujeitos: um sujeito **Locutor-Yeda** que assume a palavra e põe-se no lugar

[5] “Se a governadora conhecesse a fundo os projetos de arranjo florestal e sua implantação no Rio Grande do Sul, perceberia que, aqui, o dinheiro pode sim, ‘dar em árvores’.” (*O Sul* – Flávio Pereira – Porto Alegre, quarta-feira,4 de julho de 2007)

de quem enuncia, que se representa no próprio dizer como fonte do dizer. Representa o tempo do dizer como contemporâneo desse mesmo **L**, e um **locutor-governadora** que representa o lugar social que Yeda Crusius ocupa, o de governadora do Estado do Rio Grande do Sul, possibilitando que dois locutores ocupem uma mesma cena enunciativa. Despertar o aluno para olhar para essa possibilidade, a que uma mesma ocorrência de linguagem é capaz de compartilhar dois locutores em uma mesma cena enunciativa é tornar o ensino de interpretação textual mais profundo e formar um aluno mais crítico. Porque, o texto analisado em sua perspectiva discursiva, possui múltiplos planos significantes. A interpretação corresponde a mudanças na materialidade do texto advinda de compromissos com diferentes posições do sujeito, distintos recortes de memória e distintas relações com a exterioridade. Em vista disso, um professor de Língua Portuguesa ao trabalhar com leitura e interpretação deve abordar esse aspecto tão crucial da interpretação: a ligação da materialidade do texto com a sua exterioridade. Porém, convém lembrar que a linguagem é um sistema de relações de sentidos em que a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um.

Trabalhar com AD em sala de aula é mostrar que não há separação entre a linguagem e sua exterioridade. É mostrar que não é possível interpretar um texto considerando só a linguagem, que é necessário recuperar a historicidade do acontecimento social que o fundou.

Há muito a ser estudado, o que apresentamos aqui é apenas o princípio. Mesmo sabendo disso, sob nosso olhar esse estudo foi importante e ajudou-nos a ver que em se tratando de analisar acontecimentos de linguagem e sujeitos divididos, estamos diante de procedimentos de análise de discurso que poderiam ser correntemente usados sempre que se fosse interpretar um acontecimento qualquer da Língua Portuguesa. Muitas outras perspectivas poderiam ser desenvolvidas e outros resultados poderiam ser encontrados, à luz de outras teorias da enunciação, ou mesmo se os dados de análise fossem submetidos a outras teorias. Deixamos para uma próxima pesquisa, a descoberta de novas respostas, às questões apresentadas nesse estudo. A certeza que temos é de que para nós este estudo é apenas um começo, pois em termos de interpretação “a matéria significante – e/ou a sua percepção afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele.”(ORLANDI; 1998, p.12).

REFERÊNCIAS

1. GUIMARÃES,Eduardo. *Semântica do Acontecimento.* 2ªEdição. Editora:Pontes; Campinas,SP:2000
2. ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*.2ª Edição Editora Vozes; Petrópolis, 1988
3. _____, Análise do Discurso- Princípios e Procedimentos. Editora Pontes;Campinas, SP: 2000
4. PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.*Trad. de Eni Puccinelli Orlandi....et al.;Editora da UNICAMP: Campinas: 1988.
5. PÊCHEUX, Michel. Análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997a
6. *O Sul* - Porto Alegre, quarta-feira, 4 de julho de 2007
7. *O Sul* – Flávio Pereira – Porto Alegre, quarta-feira, 4 de julho de 2007
8. Programa Conversa com a Governadora, da Rádio do Palácio Piratini , Yeda Crusius (3/7/07)
9. *Zero Hora* > Quarta / 4/ julho/2007 p.8